A LINGUAGEM ARTÍSTICA NO UNIVERSO INFANTIL

SHIRLEY DA SILVA VIEIRA

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da infância e a linguagem artística. A arte desempenha um papel muito importante no desenvolvimento da criatividade e aprendizagem das crianças. A primeira infância é a idade criativa por excelência, da qual você aprende fazendo, explorando, experimentando, imitando e brincando. Por meio do desenvolvimento de linguagens artísticas em suas diversas expressões, como pintar, cantar ou experimentar a música, meninos e meninas realizam atividades essenciais para o seu desenvolvimento biológico, educacional e emocional. A arte tem um caráter empoderador que permite à criança expor ao máximo a sua criatividade e imaginação, descobrir e relacionar-se com o meio, tomando consciência de si e dos outros.

Palavras-chave: Aprendizagem; Desenvolvimento; Expressões.

INTRODUÇÃO

A arte tem sido tradicionalmente uma parte importante dos programas para a primeira infância. As artes na educação infantil são brincadeiras criativas e espontâneas - desenho, pintura, auto expressão, canto, execução de música, dança, narração de histórias e representação de papéis.

Crianças em idade pré-escolar amam as artes porque é o que fazem naturalmente. As artes envolvem todos os sentidos e modalidades cinestésicas, auditivas e visuais. Quando os pais, educadores e professores da primeira infância engajam e incentivam as crianças nas artes regularmente, desde o início da vida, eles ajudam a estabelecer a base para o aprendizado bem-sucedido e o sucesso escolar.

No vernáculo da primeira infância, as artes incluem a participação ativa das crianças em uma variedade de experiências - dança, teatro, artes plásticas e música. Essas atividades permitem que eles se expressem através das artes e apreciem o que observam.

Para estarem prontas para a escola, as crianças precisam alcançar marcos fundamentais e dominar habilidades e habilidades essenciais em sete domínios de aprendizagem, incluindo as artes.

Um traço humano que estabelece um fato diferencial em relação ao restante da espécie é sua capacidade de criar arte e utilizá-la como meio de expressão e

comunicação. Para Dewey (2008), a arte é uma experiência intrinsecamente valiosa que provoca sentimentos elevados. Lowenfeld (1980) considera ser a forma mais eminente de expressão humana e um veículo para as crianças atingirem o crescimento criativo e mental. Bruner (1984) diz que é um traço de aptidão, e estima que existem três traços exclusivamente humanos que requerem um tratamento especial para preservar a qualidade humana da sociedade: a detecção de problemas, a capacidade de realizar serviços planejados e a arte em todas as suas manifestações. Eisner (1987) entende a arte como uma necessidade, uma ne-

cessidade que impulsiona o ser humano a receber e transmitir informações por meio de todos os sistemas sensoriais. Thoreau (citado em Read, 1957) relaciona-o com a necessidade de ação: "o que chamamos de arte e tratamos como um adorno da civilização é realmente uma atividade vital, uma energia dos sentidos" (p. 215). São considerações diferentes, mas coincidem na valorização da arte como atividade que de alguma forma aperfeiçoa o homem.

Ao tomar arte em sua conotação de "atividade de aperfeiçoamento", seu sentido educacional também está sendo expresso. Martínez (2005) lembra que a função e as expectativas da arte são diferentes das de outros sistemas de representação e que ela é um agente ativo na formação da pessoa. Exige que as crianças sejam iniciadas em tarefas artísticas desde tenra idade, porque na prática com diferentes sujeitos criativos procuram os seus próprios conceitos e alcançam especialização cognitiva em formatos diferentes da linguagem verbal. Eisner (1987) usa argumentos semelhantes ao levantar a necessidade de mudança curricular para dar maior destaque ao ensino artístico, de modo que os alunos adquiram habilidades nas formas de representação das diferentes mídias expressivas.

Arnheim (1989) afirma que a educação artística aprimora os instrumentos do pensamento e ajuda a estruturar o conhecimento. Romero (2001) faz uma avaliação da área artística comparada a outras mais bem consideradas na educação e aponta que os elementos que a diferenciam constituem sua virtude, tais como: desenvolver habilidades manuais e cognitivas; atender a conteúdos expressivos e afetivos, além de conteúdos intelectuais; facilitar a análise e compreensão da cultura e do mundo atual por meio de suas produções culturais; buscar múltiplas respostas e soluções para problemas; avaliar o processo, bem como o resultado; promover "outra forma de pensar cujas ferramentas são analogia, metáfora, associação, proximidade", além do pensamento lógico e linear (p. 213).

A RELAÇÃO DA CRIATIVIDADE E DA ARTE COM A PSICOLOGIA

Na conferência Creativity (1950) que Guilford deu perante a American Psychological Association, ele afirmou que a criatividade é a essência da educação, considerada em seu sentido mais amplo, e a solução dos problemas mais sérios da raça humana. A interpretação do seu comentário permite-nos compreender que o que a criatividade e o sujeito criativo podem oferecer é essencial para a sociedade.

A criação e os temas artísticos foram considerados ao longo do tempo de maneiras muito diferentes. A tradição psicológica limitava a arte ao mundo da percepção, fantasia e sentimentos, em oposição à ciência, e excluía o conhecimento e os processos intelectuais do campo artístico. A industrialização gerou uma hierarquia de disciplinas educacionais, colocando a capacidade acadêmica em primeiro lugar e as disciplinas criativas por último. Desse modo, desvalorizou-se o valor educativo de sujeitos que, além de valor investigativo, possuíam um sentido lúdico e muito gratificante para as crianças. No entanto, já no século XVIII, Pestalozzi e Froebel trouxeram as disciplinas artísticas

para a escola e as incluíram em suas abordagens educacionais.

Ainda assim, o real interesse pela criatividade surgiu da palestra de Guilford (1950) citada acima. Nasceu do mundo da psicologia, não da arte, a que sempre pertenceu, e seu desenvolvimento foi decisivo para essa ciência. Do interesse que a arte e a criatividade despertaram no campo da psicologia, surgiu um movimento que produziu múltiplas teorias, linhas de pesquisa e publicações que destacaram novos conceitos e permitiram que o estudo da criatividade fosse abordado por diversos ângulos. Na década de 1960, a arte adquiriu a categoria de disciplina e passou a ser valorizada em vários campos, inclusive na educação.

Ao representar à consciência imagens imaginadas em criadas, o indivíduo estabelece uma nova relação com suas imagens (fantasias, ideações), passando de um estado de uma ausência de inclusão em suas atividades para uma atuação transformada, por assumir seus atos como próprios, diante da criação formalizada. (URRUTIGARAY, 2008, p.23)

Vygotsky, em Psychology of Art (1970), deu um grande passo ao colocar o conhecimento artístico e científico no mesmo plano e sustentando que há semelhança entre grandes verdades científicas e imagens artísticas. Talvez por isso o autor vincule a arte à sabedoria, ou seja, entende-a como um saber na linha da antiguidade clássica e a considera um meio educativo porque permite "uma certa modificação duradoura do nosso comportamento" (p. 9). Vygotsky, que rejeitou o conceito de arte como expressão de emoções e transmissão de sentimentos, afirmou que a obra artística contém uma obra com sentimentos, porque a arte trabalha com eles, tanto as paixões como as emoções e os sentimentos fazem parte do conteúdo do trabalho artístico.

Arnheim (1989) também destacou a importância da arte na estrutura do conhecimento e assegurou que "as artes plásticas bem concebidas podem apresentar problemas cognitivos dignos de um bom cérebro com a precisão de qualquer problema matemático ou científico" (p. 153). Afirmou que, por meio das experiências perceptivas proporcionadas pelas artes plásticas, o conhecimento das relações espaciais pode ser alcançado.

Na relação problema / arte, alguns autores identificam processos criativos com atividades de resolução de problemas, pois em todas as experiências artísticas surgem problemas que precisam de solução.

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo.

Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWWER,1993, p.9)

A gestão da aprendizagem de técnicas de resolução de problemas através de disciplinas artísticas deve ser feita com problemas reais, com questões abertas e possibilidade de múltiplas soluções. Os problemas colocados pelas técnicas plásticas, gráficas e verbais têm um valor espe-

cial, especialmente os gráficos, devido ao seu significado múltiplo.

Os processos criativos são complexos, ligados ao pensamento visual ou auditivo, têm aspectos sócio emocionais e usam habilidades cognitivas como comparações, associações e relacionamentos. Eles precisam contar com conhecimentos teóricos e habilidades técnicas, além de encontrar um contexto social adequado. Eles usam, em parte, materiais abstratos - como imagens, fantasias ou sonhos - e aplicam estratégias de resolução de problemas. Indivíduos imersos em processos criativos são perseverantes em seu trabalho, admitem erros e aprendem a valorizar seus trabalhos, o que cria mecanismos de perseverança, tolerância e força contra a frustração. Estas são as razões pelas quais os processos criativos são tão complexos e enriquecedores ao mesmo tempo.

AS ARTES E AS SOLUÇÕES DE PROBLEMAS

A capacidade de adaptação é outra característica humana que depende da aptidão de cada pessoa para resolver os problemas que surgem no seu desenvolvimento de vida e do uso que pode fazer das competências que adquire com a sua abordagem e resolução. Essa qualidade tem permitido que a espécie sobreviva desde o seu surgimento, às culturas ao longo da história, e é o que torna mais fácil para as pessoas hoje permanecerem na sociedade e no local de trabalho, etc.

Segundo Guilford (1978), aprender a resolver problemas com imagens plásticas fornece ferramentas extremamente válidas para fazer isso usando qualquer outra linguagem, como a matemática. A atividade de resolução aciona mecanismos mentais específicos e opera sempre com o mesmo tipo de pensamento, o que gera recursos para resolvê-los em qualquer campo em que surjam. Esta atividade, portanto, proporciona competências que, juntamente com os conhecimentos apreendidos, facilitam a aquisição de competências e habilidades sociais e adaptativas pelos alunos. Estas são vantagens suficientes para estimular os professores a proporcionar às crianças pequenas tarefas com as quais elas possam adquirir este tipo de habilidades. Com base no que Guilford (1978) disse, se adaptarmos as técnicas com cuidado, os procedimentos podem ser adaptados às características de cada idade e o treinamento das crianças na solução de problemas pode começar desde muito cedo. Porém, para isso é imprescindível o uso de um material atraente e de fácil manuseio, requisitos que as artes plásticas atendem, cuja linguagem faz parte da expressão natural das crianças desde a mais tenra idade.

Existe uma opinião bastante geral que relaciona a capacidade de resolver problemas de forma inovadora com o comportamento criativo, pois inovar implica passar por um processo em que os problemas devem ser resolvidos até que a solução desejada seja encontrada. A estreita relação entre criatividade e produção divergente, segundo Guilford (1978), torna os indivíduos criativos especialmente dotados para resolver problemas com soluções múltiplas. Sieber (1978) também garante que pessoas criativas podem encontrar várias soluções para problemas, e por estarem dispostas a admitir a insegu-

rança (porque toleram um certo nível de incerteza) podem buscar e pesar informações, o que lhes dá mais possibilidades de tomar decisões corretas.

Já foi dito que o uso de várias linguagens criativas refina a sensibilidade perceptual e ativa as habilidades cognitivas e sociais, para citar apenas alguns benefícios; e que as atividades artísticas aplicadas à resolução de problemas desenvolvem habilidades neste campo e tornam os indivíduos mais competentes. Como as disciplinas artísticas são, além disso, atrativas e gratificantes, revelam-se uma ferramenta extraordinária para adquirir múltiplas competências desde tenra idade.

Efland (2003) estima que com obras criativas opções para o futuro são testadas, a mudança cultural é facilitada e até mesmo a sobrevivência da cultura. O autor entende que a educação tem o duplo objetivo de transmitir o legado cultural das gerações passadas e de renová-lo: com isso, as novas gerações estão preparadas para manter e aumentar o progresso atual. Conservar e transformar são extremos da educação, e como esta tem por objetivo inserir efetivamente os sujeitos no seu meio social e capacitá-los a enfrentar com sucesso o mundo que os espera, deve-se utilizar a melhor técnica para isso. Portanto, "a preparação em fórmulas e receitas familiares será menos eficaz do que educar a flexibilidade em novas situações.

Aproximar as crianças da arte também é essencial para que possam compreender a realidade social com suas manifestações culturais e artísticas e aprender a valorizar o patrimônio cultural. Isso porque a arte é um conector, um transmissor / receptor de dados que nos aproxima da sociedade na qual é criada por meio dos elementos de sua cultura e nos fornece conhecimentos e informações confiáveis sobre ela. A herança cultural que a arte incorpora é o signo da identidade das diferentes culturas e identifica cada ser humano com o seu. Gardner (1987) atribui um valor social importante à educação de pessoas para conhecer, admirar, criar e recriar arte, e afirma que iniciar crianças na arte não é tentar formar artistas, mas sim pessoas socialmente competentes e artisticamente competentes será crítico.

O estudo da arte infantil e sua estética têm interessado especialistas. Aldecoa (2005) explica que o interesse por essa arte partiu de um grupo de artistas plásticos modernos ao contrário do cânone acadêmico; eram pintores e escultores que pertenciam ao grupo revolucionário Secession, liderado por Franz Cizek. Cizek em 1885 criou em Hamburgo uma "Associação de professores para trabalhar a favor da educação artística" (Aldecoa, 2005). Este artista acreditava que as crianças fazem arte livre e autêntica, como o homem primitivo, e foi o primeiro a apreciar o valor estético das obras plásticas infantis.

Aldecoa (2005) afirma que a arte do século XX possibilitou valorizar as criações artísticas infantis por sua semelhança com a arte da vanguarda: “Tudo o que o cubismo buscava pela lógica, as crianças encontram naturalmente pelo instinto” (p. 47); e aponta que o abandono da perspectiva para adotar a geometria pertence à especulação lógica e a um refinamento cerebral muito complexo e natural nas crianças.

VALORES DE ARTE E CRIATIVIDADE

Atualmente, as produções artísticas infantis são especialmente apreciadas, pois colaboram no equilíbrio pessoal e servem como canal de expressão de emoções e sentimentos. A arte, por sua vez, é apreciada como recurso educacional, pois, como diz Arnheim (1989), “desenho, pintura e escultura podem apresentar problemas tão rigorosos quanto a matemática ou as ciências e ... com pouco conhecimento técnico. Os alunos podem desenvolver os seus próprios recursos mentais "(p. 154). O autor afirma que a educação artística promove o desenvolvimento das linguagens em que a arte se expressa e produz um enriquecimento cognitivo. Efland (2003) se expressa no mesmo sentido quando afirma que é necessário recorrer às artes para que o potencial cognitivo aumente com a educação.

Outra avaliação da arte é considerá-la um instrumento para o desenvolvimento do “eu”, pois permite aos sujeitos adquirirem conhecimento de si, autoestima, segurança, mecanismos contra a frustração, perseverança no trabalho e critérios de avaliação dos próprios trabalhos e dos outros. Martínez (2005), que entende o "eu" no sentido construtivista como resultado da ação e da simbolização, afirma que "na realização de suas experiências artísticas, a criança constrói seu sistema ao mesmo tempo que seu 'eu'" (p. 85).

Arte é a expressão da consciência humana em uma linguagem metafórica única. A fundação da arte é o aprimoramento da consciência humana. A arte não é êxtase místico, nem vã satisfação dos desejos materiais, mas uma percepção mais clara e eficaz das coisas, um modo mais lúdico de estar no mundo. (BARBOSA, 1997, p.38).

Sieber (1978) afirma que é de extrema importância treinar as crianças em criatividade, para que tenham a mente mais aberta. Ele diz que devem ser ensinados métodos de incerteza, para estimar as probabilidades de sucesso, para gerar hipóteses sobre soluções, para buscar a informação disponível e decidir como isso afeta suas hipóteses. O autor afirma que eles devem aprender a sustentar a certeza geral com evidências, pois assim poderão ter pontos de vista alternativos e critérios próprios, mesmo quando estes conflitam com as crenças mais arraigadas.

Marín Ibáñez (1993), no discurso de abertura do Congresso Mundial de Criatividade, após explicar o risco de substituir valores superiores por valores menos valiosos, afirma que “criar é superar antivalores e semear valores em e ao nosso redor "(p. 18). Por isso, insiste na necessidade de buscar soluções para o futuro e formar uma geração de pessoas criativas e comprometidas com a defesa dos valores relacionados à natureza, ao ser humano, ao respeito à dignidade e às liberdades fundamentais. O autor afirma que "a criatividade ... hoje se tornou um imperativo ético" (p. 19).

Novaes (1973) enfoca o valor da criatividade na sua universalidade:

A criatividade tem, não só uma dimensão sociocultural, mas também um sentido universal, razão pela qual aumenta o aproveitamento do potencial humano e a renovação dos seus recursos, bem como a própria aceleração cultural e tec-

nológica (p. 88).

Esse sentido universal tem permitido usar a criatividade em todas as áreas da vida e tirá-la de seus círculos tradicionais para aplicá-la no mundo da psicologia médica, indústria, governos, gastronomia, educação. Essa extensão se deve, basicamente, ao valor acrescentado que representa a produtividade que gera, mas também à riqueza humanística que proporciona às sociedades.

No início deste artigo, foram mencionados alguns traços inerentes ao ser humano que pertencem ao mundo da abstração. Uma delas é a capacidade de comunicação, em cuja órbita estão a linguagem e outras linguagens que utilizam signos abstratos para satisfazer a necessidade humana de comunicar, representar, interpretar e compreender a realidade. Outra característica é a capacidade de relacionamento, vinculada à interação do ser humano com as mídias físicas e sociais para satisfazer sua necessidade de adaptação. O homem, porém, não depende totalmente do meio em que vive, pois tem capacidade de auto estimulação: com ela gera estímulos mentais aos quais responde como se fossem estímulos ambientais, e estes ativam e refinam a criatividade.

Até agora a arte foi definida como meio de expressão e comunicação puramente humana, como conector, como mecanismo de estruturação e especialização cognitiva. É necessário, segundo Arnheim (1989), definir o seu sentido autêntico, que consiste em ser "um meio para suportar os problemas da vida, tanto para os artistas quanto para os alunos ou pessoas em terapia" (p. 154).

A necessidade de aprender a ser criativo tem sido destacada, pois se entende que tudo o que se relaciona com arte e criatividade traz riqueza para a sociedade e oferece soluções. Torrance (1977) esclarece esse significado com precisão ao dizer que a criatividade brota na sociedade quando o mundo se desumaniza e se interessa pelo tecnicismo. Busca, então, uma saída recorrendo ao potencial criativo do homem para manipulá-lo.

O ENSINO DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Estudando a Arte é possível fazer uma ressignificação da realidade, uma vez que, a troca de experiências que ocorre nas escolas mostra que cada pessoa compreende a mesma coisa de maneira diferente, construindo o próprio conhecimento.

Segundo Ferraz e Fusari (1993)

O trabalho educativo em arte deve apresentar grande vitalidade e dinamismo, acrescido de processos criativos, pois se faz de uma forma interativa entre criança-adulto-ambiente natural e cultural. Mas ainda, os modos de entender a relação professores-alunos e ensinoaprendizagem são compartilhados pelas linhas de ação educativa das várias linguagens expressivas (visual, sonora, dramática, corporal, audiovisual, verbal, poética). (FERRAZ E FUZARI, 1993, p.111)

Quando o aluno participa da construção do conhecimento, sendo um processo continuo onde aprender é sempre uma descoberta que pode ser agregada ao seu ser, as aulas de Arte podem ajudar a desenvolver e a expressar suas escolhas.

Ferraz e Fusari (1993, p.104) contribuem ao dizer que:

[...] o professor deve saber unir as problemáticas das práticas escolares na área artísticas com as reflexões e teorias suas e de outros profissionais sobre arte e educação de um modo transformador, criativo e compromissado com a democratização cultural artística e estética junto aos estudantes. O exercício dessa "práxis pedagógica" com vistas a ajudar a formação artística e estética de estudantes na escola, certamente estará mobilizando o professor de arte a pensar seu trabalho, pesquisar, discutir, com outros docentes e a aperfeiçoar-se. [...]

Percebe-se que as linguagens artísticas estão presentes em todas as disciplinas, portanto cabe ao professor ter o discernimento de interligar as atividades curriculares às linguagens artísticas.

Segundo Ana Mae Barbosa (1999):

A leitura de imagens na escola prepararia os alunos para a compreensão da gramática visual de qualquer imagem, artística ou não, na aula de artes, ou no cotidiano, e que torna-los conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepara-los para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-os do que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1999, p. 14)

O ensino das linguagens artísticas no processo pedagógico amplia o mundo expressivo, cognitivo e perceptivo do aluno e as leituras de imagem nesse processo ampliam a habilidade de ver, julgar e interpretar uma imagem dentro de seu contexto histórico, social, político e cultural.

As linguagens artísticas têm como propósito proporcionar possibilidades na vida do ser humano, e deve ser percebido como forma de construção do conhecimento, de compreensão do mundo e exteriorização de sentimentos.

Faz-se necessário salientar que na prática educativa das linguagens artísticas os professores precisam ser criativos e abertos, possibilitando às crianças diferentes maneiras de se expressar, utilizando vários materiais e atividades lúdicas, criativas e inovadoras.

A escola deve proporcionar aos educandos de Ensino Fundamental II experiências mais amplas de ensino que venham ao encontro das inquietações e curiosidades típicas das novas gerações.

A pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados em todas as etapas da vida escolar.

Ao trabalhar com as linguagens artísticas, o professor deve criar situações as quais o objetivo seja a arte como conhecimento, realizando a mediação entre a teoria e a pratica para que o aluno tenha possibilidade utilizar a experiência como construção do conhecimento e ampliar sua leitura e compreensão de mundo.

Jeandot (1997) afirma que "nem todas as crianças nascem obrigatoriamente com dotes artísticos, mas todas têm direito ao conhecimento da arte e a serem despertadas e encaminhadas, por cuidados especiais, nesse sentido" (Jeandot, 1997, p. 132).

No Brasil encontramos uma enorme variedade cultural, o que possibilita a melhor exploração das inúmeras formas

de linguagens artísticas como fonte de aprendizado, não podendo a Arte ser ensinada do mesmo modo em todas as escolas. Até porque, cada indivíduo traz em sua bagagem genética uma diversidade cultural, que varia dentro do mesmo estado, na qual sofre influências dos africanos, europeus e indígenas.

É necessário que a educação exerça a função de formar seres que sabem conviver com as diferenças, onde essa aprendizagem é ressaltada no ensino de Artes.

A Arte tem a capacidade de desenvolver nos indivíduos as mais diversas competências, mesmo que ainda existam vertentes de pensamento que a coloquem em segundo plano.

Segundo Martins (2011):

O aluno deve ser preparado para, a partir das manifestações orais, escritas, sonoras e visuais ser capaz de organizar a sucessão de episódios e marrá-los de uma forma lógica. O momento em que ele está narrando algo sobre o que vê ele será capaz de descrever cenários, reinventar histórias, recriar, mas ao mesmo tempo solucionar problemas, dúvidas, sentimentos da sua vida cotidiana. (MARTINS, 2011, p. 72).

O papel do professor também é objeto de análise, sendo o responsável pelo acompanhamento do educando e como orientá-lo à melhor forma de apreensão do conhecimento.

Além do professor e da família, a escola é essencial para que o aluno se adapte à vivência em sociedade, já que costuma ser o primeiro ambiente externo ao familiar no qual a criança inicia sua vida em comunidade.

Uma escola que se preocupa em fornecer ao aluno um ambiente saudável, agindo de acordo com os princípios morais que o cercam se torna um instrumento de ensino e disseminação de cultura e conhecimento, construindo indivíduos em sua totalidade, consciente de sua liberdade, integrados com questões que o cercam e preocupado com sua responsabilidade social.

De acordo com Oliveira (2007):

A todo o momento nos pedem rótulos, e esses precisam ser definidores, indetitários: “arte-educadora tem um peso mais político e militante, e também mais teórico; “professora de Educação Artística ou “professora Artística é a professora moldada ainda em contornos expressionista e espontaneístas; “professora de Arte parece mais contemporâneo e atualizado, pode fazer pensar em mais pesquisa e estudo. No final das contas, talvez sejamos um pouco de cada uma delas, ao mesmo tempo. (OLIVEIRA, 2007, p.238)

Com base na citação de Oliveira (2007), não há como definir o que somos dentro da docência, assumimos identidades que nos rotulam.

Em toda produção de um aluno há uma intenção ou representação dos sentimentos que precisam expressar, basta apenas incentivarmos.

Ainda segundo Oliveira (2007):

As habilidades de descrever, analisar e interpretar sejam trabalhadas com vigor em sala de aula, pois serão elas os subsídios para atender a qualquer metodologia de leitura de imagem que o professor venha a escolher para trabalhar... esse exercício passo a passo com as ha-

bilidades de descrever, depois analisar e só depois interpretar permite uma construção mais aprofundada das habilidades necessárias para a leitura. Trabalhar a habilidade de descrição significa estimular a própria natureza da criança da educação infantil que, ao olhar uma imagem, é capaz de prazerosamente descreve-las com detalhes, pois antes da leitura das letras, as crianças desenvolvem naturalmente e significativamente uma leitura da imagem(...)Quanto a habilidade de analisar, queremos chamar a atenção de analisar, queremos chamar a atenção para a importância do desenvolvimento da capacidade de analisar o discurso visual (um discurso sintético por natureza), pois ela que permite ao leitor perceber como a imagem diz aquilo que diz. Já a interpretação é produto das relações entre o que foi analisado, somando-se a isso informações históricas sincrônicas e diacrônicas ligadas à imagem lida e a produção do artista estudado. (OLIVEIRA, 2007, p.256- 257.)

Portanto, a linguagem artística é uma cultura que deve ser estudada dentro e fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é uma atividade natural para apoiar essa brincadeira gratuita nas crianças. A liberdade de manipular diferentes materiais de forma orgânica e não estruturada permite a exploração e experimentação. Esses esforços artísticos e explorações autodirigidas não são apenas divertidos, mas também educacionais.
A arte permite que os jovens pratiquem uma ampla gama de habilidades que são úteis não apenas para a vida, mas também para o aprendizado.

A criação de arte expande a capacidade da criança de interagir com o mundo ao seu redor e fornece um novo conjunto de habilidades de auto expressão e comunicação. A arte não apenas ajuda a desenvolver o lado direito do cérebro, mas também cultiva habilidades importantes que beneficiam o desenvolvimento da criança.

É importante, no entanto, separar a noção de “talento” de “criatividade” - uma criança não precisa criar uma obra-prima para ter uma experiência artística significativa. A arte é um processo, não um produto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, R. Arte e percepção visual. Madrid, ES: Alianza Editorial. 1995.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, Debates, 2002.

_____. Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2007.

BISQUERRA, R. e PÉREZ, N. Competências emocionais. Education XXI, 10, 61-

82. 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BRUNER, J. Ação, pensamento e linguagem. Madrid, ES: Alianza Editorial. 1984.

DE BONO, E. Diretrizes e ferramentas para aprender a pensar. Bogotá, CO:

Editorial Norma. 1997.

DEWEY, J. Arte como experiência. Barcelona, ES: Edições Paidós. 2008. EISNER, EW. Eduque a visão artística. Barcelona, ES: Ediciones Paidós

Ibérica. 1995.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1993.

GARDNER, H. Mentes criativas. Barcelona, ES: Edições Paidós. 1995.

GONZÁLEZ, Quitian, CA. Alternativas para o desenvolvimento do pensamento criativo. Trabalho apresentado no Congresso Mundial "Creatividad 93". Madrid, ES:

UNED. 1993.

JEANDOT, Nicole. Explorando o Universo da Música. Scipione, 1997.

LOWENFELD, V. e LAMBERT, W. Desenvolvimento da criatividade. Buenos

Aires, AR: Editorial Kapelusz. 1980.

MARIN, Ibáñez, R. (1984). Criatividade. Barcelona, ES: Edições CEAC. 1984. MARTINEZ, García, ML. Arte infantil e cultura visual. Madrid, ES: Editorial Eneida. 2005.

MEDINA, A. Treinamento e desenvolvimento de habilidades básicas. Madrid, ES: Editorial Universitas. 2009.

NOVAES, MH. Criatividade e aprendizagem, desenvolvimento do pensamento criativo. Resumos do Congresso Mundial "Creatividad 93". Madrid, ES: UNED, Faculdade de Educação. 1993.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte, educação e cultura. Santa Maria: UFSM, 2007.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

REZENDE, Maria F. de; FERRAZ, Maria Heloísa C. de. A Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez. 1993.

PRIETO, MD. Criatividade no contexto escolar. Madrid, ES: Editorial Pirámide. 2003.

READ, H. Educação pela Arte. Barcelona, ES: Edições Paidós Ibérica, Coleção Paidós Educação. 1982

ROGERS, CR. Liberdade e criatividade na educação: o sistema não diretivo. Barcelona, ES: Edições Paidós. 1982.

SÁNCHEZ, Manzano, E. Inteligência criativa. Málaga, ES: Edições Aljibe. 2010. TORRANCE, EP. Educação e habilidade criativa. Madrid, ES: Edições Encontro, Coleção Marova. 1977.

DELORS, J. A educação guarda um tesouro. Relatório à UNESCO da Comissão Internacional de Educação para o Século XXI. Paris, FR: Edições da Unesco. 1998.

OSTROWER, Fayga – Criatividade: processos de Criação, 9. ed, Editora Vozes, Petrópolis, 1993.

UNESCO. Marco de ação para a educação em valores na primeira infância. Paris, FR: Workshops da Unesco. 2000.

UNESCO. Declaração Universal sobre Diversidade Cultural. Disponível em: http://portal.unesco.org/es/ev.phpURL_ID=13179&URL_DO=DO_TOPIC&URL_ SECTION = 201.html. Acesso em 07 jun. 2021.

URRTIGARAY, Maria Cristina – Arteterapia: a transformação pessoal pelas